

DATA DE
RECEPCIÓN:
24/10/2018

**O MEU AVÔ: REPRESENTAÇÕES DOS ANCIÃNS E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS
NOS ÁLBUMS INFANTÍIS DE MANUELA BACELAR E CATARINA SOBRAL**

DATA DE
ACEPTACIÓN:
29/04/2019

**O MEU AVÔ: REPRESENTACIONES DEL IDENTIDAD Y DE LAS RELACIONES
INTERGERACIONALES EN LOS ÁLBUMS INFANTILES DE MANUELA BACELAR Y
CATARINA SOBRAL**

**O MEU AVÔ: REPRESENTATIONS OF ELDERLY AND INTERGENERATIONAL
RELATIONSHIPS IN PICTUREBOOKS OF MANUELA BACELAR AND CATARINA
SOBRAL**

Jéssica Amanda de Souza Silva

Universidade de Aveiro

jessicaamanda@ua.pt



Resumo: Este estudo ten como obxectivo investigar e comparar as representacións dos anciáns e das relacións interxeracionais entre avós e netos nos textos e imaxes de dous álbums infantís portugueses do mesmo título – O meu avô – de Manuela Bacelar (1990) e Catarina Sobral (2014). En cada unha das obras seleccionadas analizouse, mediante a relación texto/imaxe: (1) as descrições dos personaxes e dos nenos; (2) a relación interxeracional destes personaxes; (3) a presenza e configuración/ausencia de elementos afectivos; e (4) as similitudes entre as obras con respecto ás representacións do ancián e das relacións interxeracionais. Para iso, este artigo fundaméntase, sobre todo, nos estudos sobre os álbums infantís, como Arizpe & Styles (2016), Boon & Dain (2015), Cardoso (2017), Ramos (2010; 2005) e Colomer, Kümmerling-Meibauer e Silva-Diaz (2010).

Palabras chave: Literatura infantil, álbums infantís, anciáns, relación interxeracional.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo investigar y comparar las representaciones de identidad y de relaciones intergeneracionales entre abuelos y nietos en los textos e imágenes de dos álbums infantiles portugueses del mismo título: “O meu avô”, de Manuela Bacelar (1990) y Catarina Sobral (2014). En cada uno de los libros seleccionados se analizaron mediante observación de la relación entre texto e imagen: (1) las descripciones de caracteres entre ancianos y niños; (2) la relación intergeneracional de esos personajes; (3) la presencia y configuración de los elementos afectivos; y (4) las similitudes entre las dos obras. Este artículo parte de antecedentes bibliográficos sobre el álbums infantiles, como Arizpe & Styles (2016), Boon & Dain (2015), Cardoso (2017), Ramos (2010; 2011), Carvalho (2010) (2005) y Colomer, Kümmerling-Meibauer y Silva-Diaz (2010).

Palabras llave: Literatura Infantil, álbums infantiles, ancianos, relación intergeneracional.

Abstract: This study aims to investigate and compare the representations of the elderly and the intergenerational relations between grandfathers and grandchildren in the texts and images of two Portuguese picturebooks, of the same title – O meu avô – by Manuela Bacelar (1990) and Catarina Sobral (2014). In each one of the selected books, the text/image relationship was analyzed, observing: (1) the descriptions of the elderly characters and children; (2) the intergenerational relationship of these characters; (3) the presence and configuration/absence of affective elements; and (4) the similarities between the books about representations of the elderly and intergenerational relations. For this, this article is anchored, mainly, in studies about the picturebook, such as Arizpe & Styles (2016), Boon & Dain (2015), Cardoso (2017), Ramos (2010; 2005) and Colomer, Kümmerling-Meibauer & Silva-Diaz (2010).

Keywords: Children's literatura, Picturebook, Ancient, Intergenerational relationship.

Souza Silva, Jéssica Amanda de (2020).

“O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral”.

Elos. Revista de Literatura Infantil e Xuvenil, 7, "Notas", 37-57. ISSN 2386-7620.

[DOI%20http://dx.doi.org/10.15304/elos.7.5532](https://doi.org/10.15304/elos.7.5532)

A realidade e a representação social¹ do idoso português

Diferentemente das sociedades orientais, em que o idoso é percebido de maneira dignificante, como um ser portador de experiências e sabedorias ensinadas oralmente para os jovens (Ferreto, 2010), a sociedade portuguesa, que acompanha o fenómeno do envelhecimento mundial², observa os seus idosos de maneira estereotipada e discriminatória, uma vez que são geralmente associados à incapacidade e à doença (Marques, 2011).

Essa percepção social³ e modo de tratamento dirigidos ao idoso em Portugal, disseminados nas sociedades ocidentais, é fruto do seu sistema económico capitalista, que se manifesta em valores, posturas e atitudes – modos de acção – flagrados nas ocorrências do dia-a-dia e comprovados através de estudos científicos e informações oficiais portuguesas.

Segundo dados do Departamento de Estatística da União Europeia (Eurostat), Portugal será o quarto país de toda a União Europeia com maior número de idosos, pois a percentagem de idosos portugueses praticamente crescerá em 100% entre 2004 e 2050, chegando aos 31,9% de toda a população. Isto quer dizer que, em cerca de 15 anos, um em cada cinco portugueses terá 65 anos ou mais (Soeiro, 2010).

O crescimento do número de idosos em Portugal, diante das outras categorias etárias, é acompanhado pelo crescimento de denúncias de abusos e crimes cometidos contra os mais velhos. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que regista dados como os de violência física, emocional, sexual, económica e abandono de pessoas idosas, revelou, em 2009, 642 pessoas idosas vítimas de crimes, sendo 13 o número de crimes cometidos por semana (Marques, 2001). Em 2016⁴, o número de ocorrências de idosos vítimas de delitos registados pela



1 Entendemos por *representações sociais* os “sistema de valores, noções e práticas que proporcionam aos indivíduos os meios para orientar-se no contexto social e material, para dominá-lo... Um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens se integram em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios, liberam os poderes da imaginação. (MOSCOVICI, 1978, p. 79)

2 O crescimento da população idosa é um fenómeno mundial acarretado pelo processo de desenvolvimento e industrialização da sociedade. Ele é observado quando a taxa absoluta de idosos, diante dos demais grupos etários da população, tem crescimento significativo, podendo até mesmo superá-los (MERCADANTE *et al*, 2010).

3 Segundo Heider (apud Álvaro & Garrido, 2006), para a percepção de pessoas, não notamos apenas os aspectos físicos, mas também outros elementos, como valores, crenças, intelectualidade, personalidade etc. Percebemos as pessoas como causa de suas ações e de suas características biológicas, no intuito de organizarmos cognitivamente o meio social, do qual fazem parte os indivíduos e as suas ações. Esse todo constitui, portanto, uma unidade perceptiva, em que as pessoas são uma causa e as suas ações um efeito.

4 Disponível em:

<<http://www.psp.pt/Documentos%20Varios/2015%20-%20Relat%C3%B3rio%20de%20Atividades%20da%20PSP.pdf>> Acesso em: 02/05/2019.

O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais
nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

APAV aumentou para 1.009, 19 por semana. Já o Relatório da Polícia de Segurança Pública⁵ (PSP) apontou, em 2015, 1128 idosos a viver em situação de risco⁶.

Diante deste quadro, autores como Marques (2011), Ferreto (2010), Bruno (2010), Soeiro (2010) e Rosa (2012) são unânimes em afirmar e denunciar não somente a existência do tratamento discriminatório à pessoa idosa em Portugal, mas a sua representação nas diversas instâncias sociais – a exemplo da família e da literatura – alertando os seus leitores para a importância de uma revisão no que diz respeito aos valores intrínsecos à percepção social do envelhecimento.

Neste sentido, Bruno (2010) propõe, como solução à realidade do idoso nas sociedades ocidentais, a deflagração de uma revolução de natureza social e cultural que, para além da efetivação de políticas públicas que atendam às prioridades da categoria de idosos, invista e promova uma mudança de percepção que a família e a sociedade têm da velhice e do envelhecer. Para o autor, é necessário o rompimento de mitos e preconceitos, principais responsáveis pelo isolamento do segmento idoso.

Estudos científicos sobre a representação social do idoso e do processo de envelhecimento na literatura fazem-se, portanto, de extrema urgência para o irrompimento dessa revolução, que requer o conhecimento da heterogeneidade dos processos de envelhecimento, em detrimento da percepção estereotipada desse mesmo processo. Essa mudança é necessária para a construção de representações dignificantes e, conseqüentemente, melhor tratamento do idoso, enquanto grupo social, na sociedade portuguesa e também nas demais sociedades ocidentais.

Destarte, de entre os diversos géneros literários que retratam o idoso e as diferentes temáticas relacionadas ao processo do envelhecimento, investiga-se, através da observação da relação texto/imagem de selecionados livros-álbum⁷ infantis: (1) as descrições das personagens idosas e crianças; (2) a relação intergeracional dessas personagens; (3) a presença e configuração/ausência dos elementos afectivos e, por fim, (4) os distanciamentos e aproximações das obras no que diz respeito às representações do idoso e das relações intergeracionais.

5 Disponível em:

<<http://www.psp.pt/Documentos%20Varios/2015%20-%20Relat%C3%B3rio%20de%20Atividades%20da%20PSP.pdf>> Acesso em: 02/05/2019.

6 Segundo a PSP, é considerado em condição de risco o idoso: vítima de crime; financeiramente instável; dependente (por más condições físicas ou mentais); em condições clínicas graves (sem acompanhamento médico ou familiar); excluído socialmente (enclausurado na morada); sozinho (sem rede de contatos para o caso de emergências).

7 As obras, além de mesmo título, *O meu avô*, de Manuela Bacelar (1990) e Catarina Sobral (2014), são também recomendadas às crianças pelo Plano Nacional de Leitura (PNL), possuindo, ambas, o selo Ler+.



Breve contextualização acerca do livro-álbum para crianças

O livro-álbum é um género da literatura que vem, ao longo dos anos, desde o seu surgimento, na década de 1960 (Cardoso, 2017), ganhando relevo por ser “considerado como o maior contributo (e o mais inovador) da literatura para a infância no universo literário” (Ramos, 2011: 22).

O carácter inovador do livro-álbum, do qual assegura Ramos (2011), muito provavelmente se justifica em razão da sua complexa composição textual e paratextual em que todas – e cada uma das – partes do livro são intencionalmente fabricadas *em prol* da produção de possibilidade(s) de sentidos (no plural) para o leitor. Logo, a intencionalidade é a palavra que rege o processo da sua elaboração, desde a escrita, ilustração e edição.

40

Neste sentido, agrega-se, ao escritor e ilustrador, um terceiro profissional no processo de elaboração do livro-álbum: o *designer*, responsável por importantes decisões em benefício da construção de sentidos e efeitos imbricados na leitura textual, icónica e, sobretudo, física do livro. De entre elas, destacam-se “a capa e a contracapa, o motivo das guardas, os aspectos tipográficos, a composição, os grafismos, a paginação (Ramos, 2011: 27)” etc. Se antes havia, na composição de um livro literário, espaços para vazios, no livro-álbum já não há, porque mesmo as ausências são espaços dotados de sentido(s).



Género que acompanha e logra da modernização das técnicas de edição, *design* e, conseqüentemente, de ilustração, o livro-álbum recebe, no contexto português, uma atenção ainda demasiado tímida se comparada à realidade global de investigação sobre os *picturebooks* (Cardoso, 2017). Todavia, dada a sua relevância não somente para a formação literária e artística, mas ainda para a “socialização da criança, (...) sua formação como pessoa e como leitor (Ramos, 2010: 36), face à presença recorrente do elemento afectivo nos livros-álbum portugueses para o infante, destacamos as contribuições de duas escritoras e ilustradoras, com os seus homónimos *picturebooks*, “O Meu Avô”, Manuela Bacelar (1990) e Catarina Sobral (2014).

Com vinte e quatro anos de intervalo entre a publicação de uma obra e outra, em que a tecnologia avança e permite o desenvolvimento de novas tendências editoriais, as obras convergem, especialmente, em relação ao motivo – apresentação de uma personagem idosa, o avô – e na presença do elemento afectivo que é, segundo Ramos (2010), componente determinante para o crescimento sadio e equilibrado da criança-leitora.

O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais
nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

O estudo qualitativo e comparativo dos livros-álbum selecionados, para além da investigação das interações verbo-icónica propostas e dos avanços editoriais que permitem novas construções de sentidos, contribui, através da análise da configuração do elemento afectivo e das descrições textuais e imagéticas que dão vida às personagens idosas e suas relações intergeracionais, para a revisão da representação do idoso na literatura infantil e, ainda, para a visibilidade dos estudos sobre o livro-álbum e da importância desse género para o crescimento emocional da criança e para o seu exercício de empatia.

Sendo assim, na impossibilidade de, enquanto adultos, olharmos para as ilustrações de um livro-álbum infantil com o olhar fidedigno de uma criança, utilizaremos de uma sugestão metodológica de análise que sugere Ramos (2010): simularemos um olhar acriançado, para as obras que nos propomos analisar, como se olhássemos para um livro de língua estrangeira, abrindo as suas cortinas e desvendando os seus possíveis sentidos.

***O meu avô*: representações do idoso e das relações intergeracionais nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral**

O meu avô, escrito e ilustrado por Manuela Bacelar (1990), entrega ao leitor uma obra em tamanho grande, cuja capa (figura 1) lembra um álbum de fotografias ao trazer o que parece ser a foto de um idoso: no centro do livro-álbum, emoldurada por um fundo de cor vermelha (cor primária), com pequenas manchas verdes (também cor primária), a priori, desconhecidas, heterogéneas e sólidas, de formas assimétricas. O título aparece em um suave azul claro (assim como as guardas do livro), a combinar com a camisa do senhor retratado, sugerindo tranquilidade:

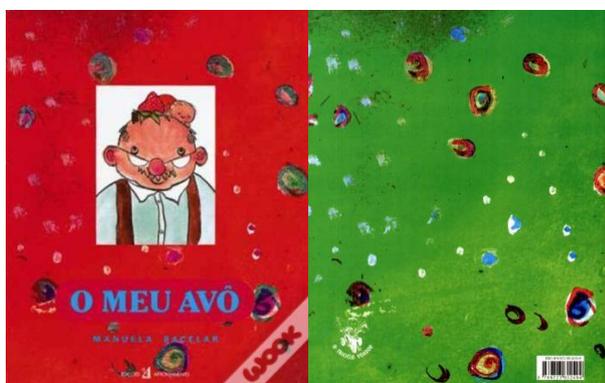


Figura 1 – Capa e contra capa de *O meu avô* (1990)

A contracapa, por sua vez, faz um jogo cromático com a capa, ao trazer o fundo na cor verde, com pequenas manchas vermelhas, também desconhecidas ao leitor, heterogêneas, sólidas e de formas assimétricas. O idoso ilustrado na capa – que usa óculos, não possui muito cabelo, tem bigode e veste suspensórios – possui expressão e olhar tranquilos. Na sua cabeça, encontram-se uma fruta (o morango) e uma criança muito pequena (quase tão pequena quanto a fruta), de expressão também serena, a dormir tranquilamente, numa posição comum a bebês (de barriga para baixo).

Inferências possíveis ao leitor, a partir da apreciação e leitura da ilustração da capa, são que o idoso se trata do avô, apresentado pelo texto-título da obra, e que a criança, que dorme em sua cabeça, diz respeito ao neto, possível narrador do texto. Tais inferências são confirmadas logo nas primeiras páginas do livro-álbum. Entretanto, a ilustração não entrega de bandeja todo o conteúdo do livro. Pelo contrário, há elementos desconhecidos – praticamente impassíveis de hipóteses – presentes na ilustração da capa e contracapa, que despertam a curiosidade de quem as observa, a exemplo das manchas (verdes, na capa e na lombada, e vermelhas, na contracapa) e do morango que acompanha o menino que dorme.

Na primeira página da obra (figura 2), a inferência de que o idoso da capa se trata do avô é, então, confirmada. O neto-narrador apresenta o idoso ao leitor: “Este é o meu Avô”. O uso do pronome possessivo “meu” e da maiúscula em “Avô” dispensou a necessidade de denominar as personagens, referidas apenas pelo seu grau de parentesco. Pouco importam os seus nomes, mas sim a relação intergeracional a ser retratada nas próximas páginas.



Figura 2 – A apresentação do avô

O avô (figura 2) é ilustrado do lado esquerdo da folha – o lado que prende menos a atenção do leitor (Cardoso, 2017) – por ser personagem já conhecida pelo público através da leitura da ilustração da capa, uma vez que “*the informational value of the left-hand area of an image is*



O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais
nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

linked to what is already known or expected” e, por seu turno, “the right-hand side is linked to the new or unexpected” (Arizpe & Styles, 2016: 97). No caso da ilustração, o morango é o elemento que, por não ter a sua presença um sentido conhecido, prende a expectativa do leitor.

O fundo branco em que o idoso é retratado – que acompanha todas as imagens da obra – representa a tranquilidade da personagem e dos ambientes em sua casa, já que *“the desaturation of color (adding white) results in more muted color and a quieter ambience”* (Boon & Dain, 2015, p. 72). A presença de elementos da natureza, como a relva, as flores e o sol, ressaltam essa estratégia de ambientação.

Do lado direito da página, que é também a página de rosto do livro-álbum, em que aparecem algumas informações técnicas sobre o livro, como título, autora-ilustradora e editora, a figura do morango reaparece, guiando o caminho para o leitor, como a migalha de *João e Maria*, prendendo o leitor às suas próprias expectativas: de que se trata? O leitor buscará desvendar o sentido simbólico do morango através da apreciação das ilustrações, cujo conjunto funciona para todo o livro-álbum – e para este, em particular – como um “mapa para a descoberta do tesouro” à medida que fornece “pistas de leitura, mais ou menos claras”, joga com ele “uma espécie de jogo de revela/esconde” e põe “à prova as suas capacidades” (Ramos, 2010: 13). Uma espécie de desafio, portanto, é proposto pelas imagens ao leitor.

Nas primeiras páginas do livro-álbum, dá-se início à descrição textual e icónica do avô, da relação intergeracional, da vida, do tempo e das brincadeiras na casa do idoso. O narrador, cuja voz coincide com a do neto, é homodiegético e conta uma história breve, linear, lexical e sintaticamente simples, dotada de humor e sensibilidade que antecipam o jogo entre texto e imagens (Silva, 2011: 232). O jogo icónico-textual garante também o tempo da narrativa e o ritmo dos acontecimentos imbricados no relato dos momentos de interações entre avô e neto.

A primeira das descrições é a diferença de tamanho entre ambos: “O meu Avô é muito alto”. Na ilustração seguinte (figura 3), o neto olha para cima, para o rosto do avô, com ar de admiração, enquanto medem suas alturas:



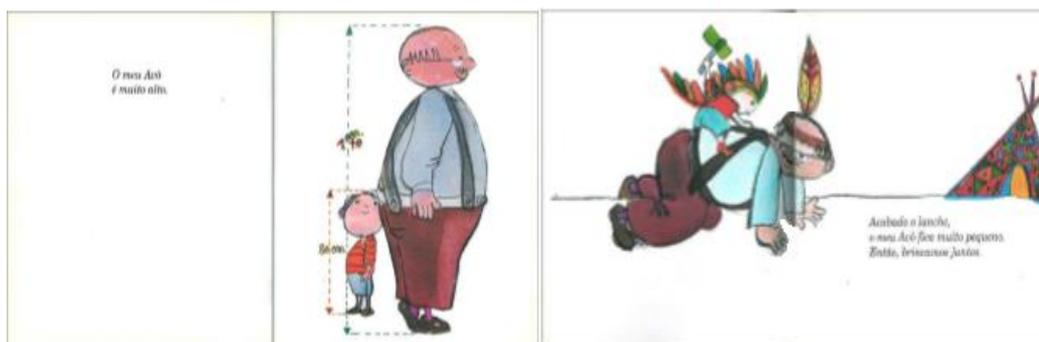


Figura 3 – O tamanho do avô *versus* o tamanho do neto

A relação entre os tamanhos, grande e pequeno, é de comum presença nas histórias para crianças, sobretudo as de aventura, em que aparecem figuras como monstros, gigantes, bruxas etc. Enquanto essas personagens, sempre maiores que as crianças – por vezes, enormes –, representam o mau e o aterrorizante, o pequeno, por sua vez, na figura da criança protagonista, representa, *a priori*, o indefeso, o desprotegido, mas também o bem, cuja tarefa é derrotar o enorme vilão. No final dessas narrativas, o herói transcende às características iniciais de pequeno e indefeso, revelando-se forte – não pela força física, mas pela esperteza – e vencedor.



Nas ilustrações de Manuela Bacelar, entretanto, o tamanho do avô (“muito alto”, nas próprias palavras do narrador infantil) em contraposição ao tamanho do neto (pequeno) não serve a essa convenção. Noutra via, exagera-se na grandeza do avô e na pequenez do neto, ressalta-se intencionalmente essa diferença, na finalidade de apresentar uma relação intergeracional entre um avô grande/forte/protetor e um neto pequeno/frágil/protegido. É também no tamanho do avô que reside a justificativa para um livro-álbum de tamanho físico tão grande, pois a apreensão do sentido é estimulada através do tato. Logo, a forma física da obra de Bacelar está a serviço dos seus sentidos, cumprindo com essa especificidade de género editorial.

A relação cordial entre avô e neto é comprovada pelas expressões de conforto e serenidade das personagens, sobretudo da criança, elementos presentes na ilustração e que revelam a afectividade intergeracional entre os membros familiares. Nas ilustrações, quanto maior a diferença de tamanho entre essas personagens (ver capa, figura 1), maiores são as expressões de afecto, facto somente passível de percepção através da leitura visual do livro-álbum.

Entretanto, há exceções à ênfase da diferença de tamanho entre as personagens. A primeira delas é quando o avô “fica muito pequeno”, após o lanche, e os dois brincam juntos. A ilustração (figura 3), que toma toda a extensão da folha dupla e que retrata esse momento, enfatiza, mais uma vez, a importância da sua existência para o significado da obra, visto que

O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais
nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

somente a partir de sua leitura é possível perceber o modo como o avô se torna menor, o que o texto não seria capaz de revelar sozinho.

Segundo Silva (2016:144), o recurso de antecipação das ilustrações, em detrimento da palavra, faz parte da identidade da artista plástica Bacelar, que além de oferecer peculiar e subtil humor ao texto, permite ao leitor a formulação de hipóteses acerca do que será textualmente narrado e até mesmo a construção de uma nova história. Em outros momentos, ainda de acordo com a ensaísta, as imagens concretizam o verbalmente escrito, de forma mais aprofundada e plural, enriquecendo os sentidos da obra.

Nesta via, percebe-se que o avô torna-se pequeno ao satisfazer uma necessidade lúdica do neto – e o olha com ternura, conferindo a sua satisfação – e a brincadeira permite que o idoso e a criança se tornem outras pessoas, eximindo-os da necessidade de desempenharem os papéis da vida real, de avô protetor e neto protegido.

Ainda na mesma esteira do exercício de se colocar no lugar do outro, ao passar a página, há mais uma ilustração (figura 4) que toma a folha dupla e o neto afirma “Quando o meu Avô não põe os óculos, vê muito mal” e “quando eu ponho os óculos do meu Avô, vejo muito mal também”. Se, nas páginas anteriores, o avô experimentou assumir outro papel no intuito de alimentar a imaginação e satisfazer o desejo da brincadeira para o neto, nestas outras, o neto experimenta a dificuldade visual do avô:



Figura 4 – A empatia entre avô e neto

O exercício da empatia praticado por avô e neto demonstra a cumplicidade entre eles, pois há uma mútua – ou ao menos um esforço dos parentes para a – compreensão das condições do “ser o outro”. Além da dificuldade visual, Manuela Bacelar traz outra característica, para a descrição do avô, que acomete grande parte dos idosos: o esquecimento; pequenos lapsos de

memória que, geralmente, se acentuam para a pessoa envelhecendo com o passar dos anos. O avô, como diz o neto, fica, por vezes, muito chateado quando cozinha doces e esses “vão por fora das panelas” (figura 5):

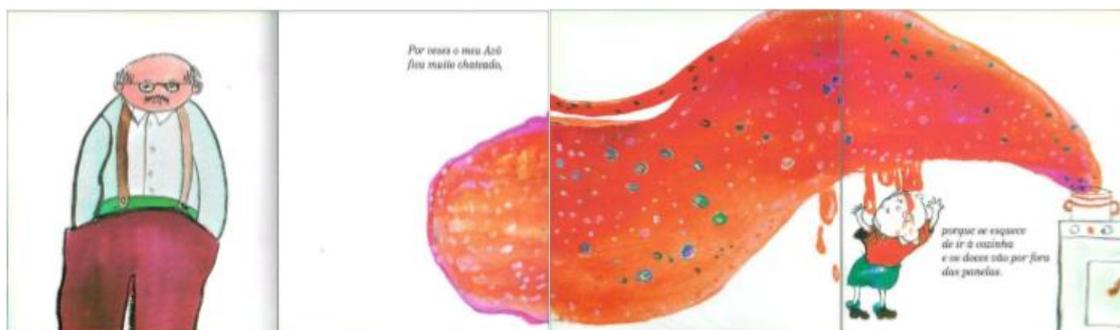


Figura 5 – Um doce de avô

46

A irritação do idoso não poderia ser compreendida em toda a sua complexidade somente através do texto, uma vez que as imagens dão conta de que o aborrecimento é, na verdade, sinónimo de tristeza, observável na expressão facial do idoso – de boca e sobrancelhas arqueadas e olhar cabisbaixo, elementos anatómicos que manifestam expressões de cariz afectivo. Muito provavelmente, como afirma Carvalho (2006), a tristeza está para além do facto da comida escorrer pela panela e mais próxima da decepção por não poder satisfazer o neto com o doce. Entende-se o acto do cozinhar, do avô para o neto, como um gesto de carinho e o alimento como um mimo, agora todo derretido e espalhado pelo chão.



Nesta folha dupla (figura 5), a ilustração não revela ao leitor o motivo do sentimento do idoso. Entretanto, aguça a sua curiosidade novamente ao deixar mais uma pista/migalha a ser desvendada por ele. A cor vermelha, com pequenas partes sólidas que vimos na capa e que serve de moldura para a foto do avô, reaparece em menor dimensão no lado direito da folha e salta aos olhos do leitor ao contrastar com o acalentador fundo branco que acompanha toda a obra. O tom vivo do vermelho que assusta o leitor, em alusão à “tragédia” que está por vir, representa simbolicamente também o sentimento do avô, pois “*the ambience of warmth, both emotional and physical, is elicited by the use of colors such as red*” (Boon & Dain, 2015, p. 72).

Nas páginas seguintes, o mistério é resolvido para o leitor: trata-se do doce, escorrido das panelas. O passar das páginas assume, neste momento, a função das cortinas de uma peça de teatro, revelando o tesouro – leia-se, o sentido – antes escondido. Como solução ao problema do doce derramado, o neto convida os amigos para uma “grande festa” e o avô confunde-se com as crianças ao sentar no chão e comer a gulodice junto a elas. O avô tem, novamente, o tamanho

O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais
nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

reduzido e assume mais a função de amigo do neto e das crianças do que propriamente uma posição de autoridade ou de protetor. Mais uma vez, a ilustração toma toda a página dupla ao retratar a cena dos parentes a compartilhar, junto a outras crianças, um momento amistoso.

Nas páginas que encerram a obra, a cena real, registrada na foto da capa do álbum (figura 1), é exposta aos olhos do leitor. Do lado esquerdo da folha, o avô reaparece em tamanho enorme, com o neto a dormir tranquilamente na sua cabeça, em dimensão muito pequena, ao lado do morango, que agora, desvenda o leitor, é, como afirma Carvalho (2005), o símbolo do afecto entre o avô pasteleiro e o seu neto. Já do lado direito, é inscrita pelo neto narrador a nova informação que a capa apenas indiciava através da ilustração: “eu gosto muito do meu Avô”.

Vinte e quatro anos após a publicação de *O meu avô*, de Manuela Bacelar (1990), é publicada a obra homónima de Catarina Sobral (2014). É de importante relevo destacar que a diferença temporal entre as obras é marcada por novas descobertas no contexto editorial, que permitem a Sobral a experimentação de novas técnicas de *design*, ilustração e, conseqüentemente, representação das personagens. Desse modo, como se evidencia na leitura da obra, a experiência literária também avança e é enriquecida, ao adquirir novas possibilidades de apreensão de sentidos.

A capa do livro de Catarina Sobral (figura 6) apresenta um homem (apenas ilustrado da cintura para baixo) e um menino, de mãos dadas:



Figura 6 – Capa e contracapa de *O meu avô* (2014)

Andar de mãos dadas pode significar parceria e/ou tutela de alguém sob outrem. Essa última hipótese, durante a leitura da ilustração da capa, torna-se ainda mais possível ao percebermos que as pessoas representadas na imagem dizem respeito a um adulto e uma criança.

O menino tem o corpo voltado para o homem, como se a ele respondesse, e o olha de queixo levantado, com um olhar que parece de admiração. As suas sombras estão a abraçar-se no

chão, sugerindo a inferência de uma relação afectiva entre eles, a confirmar-se ou refutar-se durante a leitura. O cenário que rodeia as personagens ilustradas é verde (cor primária) e os detalhes das suas roupas, em contraste, são vermelhos (também cor primária).

Já a contracapa (figura 6) tem o fundo vermelho – cor que, além da “tragédia”, pode representar também ambientes agitados (Boon & Dain, 2015) – e retrata um homem ruivo, de vestes com detalhes na cor verde. Esse jogo cromático (vermelho/verde e verde/vermelho) acompanha toda a obra, visto que as referidas cores são predominantes e se alternam diversas vezes nas ilustrações. O homem, ilustrado na contracapa, que aparenta ter meia-idade, está a consertar o que parece ser a parte mecânica de um relógio (os ponteiros indiciam esta hipótese). A partir das pistas que capa e contracapa apresentam, o leitor questiona a si próprio sobre as personagens e tece as inferências possíveis: homem e criança são avô e neto? O livro terá o “tempo” como tema?

48

Na folha de rosto da obra, criança e adulto caminham de costas para o leitor, de mãos dadas, em sugestivo convite para que os siga e aprecie as próximas páginas do livro. O narrador, que é, assim como no livro-álbum de Bacelar, neto, inicia a história com a descrição da rotina matinal do avô em comparação com a de outra personagem, nomeadamente o Dr. Sebastião. Embora um pouco mais elaborado, o discurso narrativo de Sobral caminha no mesmo sentido do discurso de Bacelar: o tempo e o ritmo da obra são orientados pela disposição das atividades cotidianas desenvolvidas pelos parentes em um único dia, em contraste com as atividades de uma terceira personagem: O vizinho, Dr. Sebastião – única personagem retrata pelo nome em toda a narrativa, em lugar do grau de parentesco que especifica o avô e neto.



Assim como a ilustração (figura 7) se vale de um paralelismo imagético, ao passo que retrata os ambientes por meio de uma mesma perspectiva/ângulo – que apresenta, de um lado, o avô e, do outro, o Dr. Sebastião –, o texto narrativo também utiliza o paralelismo gramatical para sugerir essa diferença: de um lado da folha “O meu avô acorda todos os dias às 6 da manhã”; do outro, “O Dr. Sebastião acorda às 7”:



Figura 7 – O cotidiano do avô

Entretanto, além do horário em que acordam, os objetos que se encontram em cima de cada uma das mesinhas de cabeceira também propõem, simbolicamente, indícios de diferenças entre as duas personagens ao mesmo tempo que instigam a imaginação e a curiosidade do leitor.

Do lado esquerdo da folha, em que o quarto do avô é ilustrado, há um óculos, um relógio analógico e livros. Já a mesinha de cabeceira do Dr. Sebastião apoia um relógio de pulso, um relógio digital, jornais, uma xícara e um copo. Além das idades (pela presença dos óculos e a escolha do relógio analógico, no caso do avô), esses objetos indicam também diferentes estilos de vida (pela presença do relógio de pulso, da xícara e do copo e pela escolha do relógio digital). Para o infante-leitor, estes detalhes não passam despercebidos, uma vez que, após investigações acerca das estratégias usadas pelas crianças para a leitura do livro-álbum, Arizpe & Styles (2016: 97) concluem:

[...] how the eye scan a picture, roaming over it, focusing on what they perceive are the salient features, then looking at background and other details [...] how the eye moves between one part of the picture and another, piecing together the image like a puzzle. The eyes also move back and forth between the words and images, leaning on each other for understanding, confirming or denying hypothesis about what is happening in the story.

A ilustração de Sobral (figura 7) permite o uso dessas estratégias de leitura, em que o leitor procura, na relação palavra e imagem, as peças (inferências) para montar o seu quebra-cabeça (sentido). A quantidade de relógios pertencentes ao Dr Sebastião indica, ainda, a importância do tempo cronológico para essa personagem.

Em contraposição ao sereno fundo de cor branca, presente nas ilustrações de *O meu Avô*, de Bacelar (1990), o jogo cromático (vermelho/verde e verde/ vermelho) acompanha praticamente todas as ilustrações da obra homónima de Sobral, desde capa e contracapa, sugerindo o

movimento e a agitação das actividades diárias das personagens representadas. Outro indício desse preenchimento de tempo é o uso, para a ilustração, da extensão de todas as folhas duplas – e também das simples – em demasiadas e diferentes formas geométricas que se contrapõem de um lado e de outro da página, mas que de certa forma se combinam, por sua simetria. Nas páginas de Sobral, os vazios não encontram espaço.

As personagens “cruzam-se todos os dias à mesma hora”, tratam-se com respeito e amabilidade e seguem às suas actividades diárias. As ilustrações (figura 8) dão conta de marcar esse cruzamento entre o avô e o Dr. Sebastião, num jogo imagético que faz com que o leitor deseje voltar a página e passá-la adiante, repetidas vezes, a fim de visualizar o encontro e o afastamento das personagens. De acordo com Colomer, Kümmerling-Meibauer e Silva-Díaz (2010: 116) os livros-álbum “[...] allow us to use fast-forward and replay, like watching a DVD at home, in order to look carefully at any detail we might have missed while trying to get a full understanding of the plot in the first reading”. Trata-se do livro-álbum em sua função lúdica, mencionada por Ramos (2011).

50



Figura 8 – O jogo icónico

A comparação entre o avô e o Dr. Sebastião é sustentada pela temática do tempo, confirmando a inferência inicial do leitor, pelo jogo icónico (figura 8), que contrasta formas e cores, e pelo jogo linguístico antagónico (Cardoso, 2017): “O meu avô costumava ter uma loja de relógios. Agora **tem bastante tempo**” e “O Dr. Sebastião não é relojoeiro (apesar de estar sempre a ver as horas) e **nunca tem tempo a perder**”. A disposição do tempo e as actividades

O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais
nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

diárias são o que diferem o avô do Dr. Sebastião, apesar de o primeiro já ter sido parecido com o segundo, nas palavras do neto-narrador: “Têm pouco em comum, embora o meu avô diga que já foi muito parecido com o Dr. Sebastião...”.

51

É apresentada ao leitor, através da comparação das personagens, na interação verbo-icónica, uma dicotomia, pois apesar de fazer-se notar, num primeiro momento, que as personagens adultas vivem num determinado *tempo cronológico* – igual e comum a ambos, visto que deixam os seus apartamentos, se cumprimentam, actuam em diversos exercícios durante o dia e retornam aos seus apartamentos nos mesmos horários – o que se percebe, num segundo momento, através das imagens – e somente delas –, é que ambos vivem em um *tempo psicológico* (que diz respeito à qualidade do tempo vivido) diferente, desvelando sentidos que vão muito mais além do que o texto nos apresenta: o Dr. Sebastião é sobrecarregado no trabalho, passa horas no computador, não tem muitas companhias, não se exercita, não tem um bichinho de estimação, não tem momentos de lazer, alimenta-se de *fast-food* etc. Nesse sentido, as ilustrações carregam uma crítica social à vida contemporânea, baseada na alienação do trabalho, que está omitida no discurso narrativo.

Nas páginas seguintes, essa dicotomia (tempo cronológico *versus* tempo psicológico) se deixa transparecer através das imagens: enquanto o vizinho toma o seu café e lê atentamente o jornal matinal (figura 9), sem uma companhia, o avô, em atitude subversiva à seriedade do dia-a-dia moderno, faz aviõezinhos de papel para animar o neto, que olha para o “brinquedo” com atenção e encantamento:



Figura 9 – O avô *versus* Dr. Sebastião

Esse tempo do qual o avô dispõe, para diversas actividades diárias, é ilustrado e textualmente descrito no livro-álbum, enquanto que a certo momento da narrativa somente as ilustrações revelam as actividades do Dr. Sebastião. O narrador empenha-se em descrever

unicamente, através do discurso, o dia-a-dia do avô. As ilustrações do Dr. Sebastião, agora sem a legenda que descrevia as dissimilaridades entre as personagens, no início da obra, passam a exigir muito mais atenção por parte do leitor, pois, como baliza Ramos (2010: 31, grifos nossos):

Desde as mais simples, associadas à sedução do leitor, cativando-o para a leitura integral da obra, às mais complexas, conotadas com a substituição do texto e com o preenchimento das suas lacunas, ou a integração de outras possibilidades de leitura, a ilustração actua sobretudo como mediação do discurso verbal, apoiando a decodificação do(s) sentidos do texto. **A ilustração pode ainda complementar o texto, permitindo o deslocamento de várias informações para as imagens ou aprofundá-lo, ampliando as possibilidades da história e complicando o enredo, por exemplo.**

O texto verbal, portanto, assim como na obra de Bacelar, está longe de encerrar os sentidos do livro-álbum, sentidos esses que só podem ser percebidos em sua completude através da apreciação de toda a obra, em seus elementos textuais e paratextuais – sobretudo nas ilustrações de ambas.

52

Muitas são as actividades do avô descritas verbalmente pelo neto-narrador e ilustradas pelas imagens: aulas de alemão e de pilates; pique-niques na relva; jardinagem; cartas de amor; discussões sobre pintura e leitura de peças teatrais; viagens frequentes a Paris (somente através da ilustração é que entendemos que essa viagem é feita através da imaginação, pela leitura dos livros que faz junto do neto); chá da tarde, acompanhado de duas fatias de tarte, com uma amiga; confecção de massas italianas; ajuda aos pugs na travessia da rua; vai buscar o neto na escola; novo cruzamento com o Dr. Sebastião etc. Todavia, grande parte da jornada diária do avô é cumprida junto do neto.



Neste sentido, o livro-álbum demonstra que a realidade do idoso, em detrimento da realidade do adulto produtor, pode-se aproximar mais do ideário infantil. Assim como a criança, o idoso dispõe de tempo para outras actividades que não se encerram no cumprimento de responsabilidades laborais. Comparativamente com a primeira obra analisada, *O meu Avô*, de Catarina Sobral, traz também a representação de um idoso atencioso, cuidador e protetor do seu neto. É um parente que dispõe de tempo e empenho para fazer feliz a criança, pois muitas actividades diárias são realizadas em conjunto e os parentes desfrutam da companhia um do outro, numa relação afectuosa.

A disposição do tempo – tema indirectamente retratado na primeira obra e directamente retratado na segunda (sobretudo face à contraposição de um adulto produtor e um avô aposentado) – é, portanto, representada como fio condutor dos afectos e das relações intergeracionais. Isto posto, faz-se oportuno saudar a abordagem da dicotomia do tempo desvelada na leitura da supracitada obra infantil, uma vez que sua presença é subtilmente posta, fazendo-se perceber, mas abstendo-se da aplicação de juízo de valor aos estilos de vida de uma personagem ou

O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

outra, o que se comprova na afirmação do narrador de que o avô já foi, no passado, muito parecido com o Dr. Sebastião.

Ao compararmos os avôs da obra de Bacelar e de Sobral, percebemos algumas divergências em relação ao estilo de vida, nível cultural e actividades desempenhadas por cada um deles, provavelmente em razão das diferentes classes sociais e da modernização da vida nos vinte e quatro anos que separam as obras.

53

Enquanto a personagem idosa de Bacelar é ainda produtora, visto que é descrita como “pasteleira”, cria animais no quintal da sua casa e tem como actividades cozinhar, ler o jornal e cuidar do neto, a personagem do avô, construída por Sobral é aposentada (fora dono de uma loja de relógios), acumula uma série de actividades diárias, inclusive actividades cultas – como discussão de peças de teatro e pinturas – ou que demandem investimento financeiro, como aulas de pilates e da língua alemã. Entretanto, as diferenças sociais não interferem nas suas relações com os seus netos, visto que ambas as personagens se dedicam aos seus descendentes.

Destarte, a última ilustração que encerra a obra de Sobral (figura 10) traz uma carga afectiva também atestada nas últimas páginas do primeiro livro:



Figura 10 – A afectividade entre avô e neto

Em análise à crítica à vida contemporânea, percebemos: um prédio (construção do homem), imponente, que ocupa toda a direita da folha dupla, em oposição à árvore (natureza), que se desfolha, em alusão ao tempo que se esgota – e aparece timidamente à esquerda; uma grande porta fechada (prisão), em oposição ao cenário aberto (liberdade) e à luz que ilumina avô e neto; O Dr. Sebastião (reconhece-se pela mala), no primeiro andar, ilustrado da cintura para baixo, em oposição aos parentes que conversam ao ar livre; o papel (produto fabricado), que o Dr.

Sebastião segura, em oposição à folha (produto natural) que mostra ou presenteia o neto ao avô; a mala (trabalho e responsabilidade), aos pés do homem, em oposição ao bichinho de estimação (descontração) aos pés dos parentes.

Tal cenário (figura 10) revela a afetividade e cumplicidade entre avô e neto. Note-se que o espaço, anteriormente destinado às “legendas” das ilustrações, aparece agora vazio. Apesar da frase carinhosa do neto-narrador sobre os momentos com o avô, “O tempo voa quando estou com o meu avô”, o amor é explicado através das oposições observáveis na ilustração da folha dupla.

As guardas do livro-álbum de Sobral (2014), por sua vez, também sinalizam o esgotamento (de tempo cronológico e do próprio livro), pois fazem uma clara alusão ao tempo disposto (na presença da cor vermelha que, como já mencionado, representa ambientes agitados), no início do dia, e ao tempo esgotado (retratado pela ausência da cor vermelha e presença da cor branca), dos parentes, ao cair da noite. Nada mais precisa ser dito.

54

Considerações finais

As narrativas e imagens das obras escritas e ilustradas por Manuela Bacelar (1990) e Catarina Sobral (2014) possuem, entre si, uma distância temporal de 24 anos. Todavia, os avanços editoriais e as novas técnicas de *design* apresentadas na obra de Sobral (2014) não prejudicam as similitudes observáveis no que tange às representações do idoso e às relações intergeracionais abarcadas pelos respectivos livros-álbum.

Ambas as obras trazem elementos paratextuais, textuais, e icônicos que denotam em seus sentidos particulares e no sentido global de cada obra a afetividade entre as personagens idosas e crianças.

De entre os elementos paratextuais, destacam-se as capas (de tamanhos e cores específicas que se coadunam para o sentido geral da obra), contracapas (que propõe jogos cromáticos com as capas), guardas (em que as cores denunciam a ambientação das narrativas) e folhas de rosto (com os seus elementos desconhecidos ou sugestivos que convidam o leitor a passar a página e seguir a leitura) etc.

Dos elementos textuais, sobressaem: a omissão dos nomes dos idosos e o uso e a repetição do pronome possessivo “meu” em referência aos avôs, bem como as frases de encerramento das obras, proferidas pelos netos-narradores (“Eu gosto muito do meu avô”, para a primeira obra, e “O tempo voa quando estou com o meu avô”, para a segunda obra).



O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais
nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

Já entre os elementos icónicos, por sua vez, encontram-se: a presença dos símbolos afectivos (o morango e o doce, no caso da primeira obra; o avião de papel e o relógio, no caso da segunda); as expressões faciais de contemplação entre avôs e netos (quando medem as suas alturas e quando brincam juntos, na primeira obra; o olhar admirado do neto para o avô, na capa da segunda); o exercício da empatia, ao se colocarem, netos e avôs, no lugar do outro (quando o neto usa os óculos do avô, experimentando a sua dificuldade em observar, no caso da primeira obra; quando o avô brinca com aviõezinhos com o neto, no caso da segunda) etc.

55

Cada um desses elementos possui os seus sentidos particulares, entretanto, quando lidos e apreciados em conjunto, são capazes de tornar a experiência estética, literária, conteudística e também humana, plurissignificativa, enriquecendo-a e coadunando-se para uma compreensão global de cada obra. No caso específico das obras analisadas, a interacção dos referidos elementos é imprescindível para a compreensão de uma experiência humana de natureza afectiva: a relação intergeracional entre avôs e netos.

Avôs, os protagonistas idosos dos livros-álbums apresentam diferentes classes sociais, comportamentos e também actividades diárias. Nesse sentido, as obras sinalizam a heterogeneidade da velhice. Entretanto, ambos possuem corpos e mentes sadias, vidas activas e dedicam grande parte de seu tempo a tutelar os seus netos, o que contraria ainda o estereótipo de género socialmente construído de que são as mulheres – das mais jovens às mais idosas – que desempenham a função social do cuidar. Muito pelo contrário, é justamente através dessa função, relacionada aos vínculos familiares e às questões afectivas, que são apresentadas as relações intergeracionais de cordialidade e cumplicidade entre as personagens avôs e netos.

Os livros-álbum analisados apresentam, portanto, à criança-leitora, através de uma rica experiência de leitura de sentidos somente possível por vias da interacção verbo-icónica, figuras de idosos diferentes das criadas a partir da percepção estereotipada e discriminatória da sociedade portuguesa – e também outras sociedades ocidentais – de que os seus idosos são seres doentes e incapazes, contribuindo para a formação literária e humana de seu leitor.

Referências bibliográficas

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. (2006). *Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw Hill.

- ARIZPE, E. & STYLES, M. (2016). *Children reading picturebooks: interpreting visual texts*. New York: Routledge.
- BACELAR, M. (1990). *O Meu Avô*. Porto: Afrontamentos.
- BOON, M. Y. & DAIN, S. J. (2015). "The development of color vision an the ability to appreciate color in picturebooks". In: KÜMMERLING-MEIBAUER, B; MEIBAUER, J; NACHTIGÄLLER K & ROHLFING, K. J. *Learning from Picturebooks: perspectives from child development and literacy studies*. New York: Routledge,
- BRUNO, M. R. P. (2010). "Cidadania não tem idade". In: *Revista Serviço Social e Sociedade: Velhice e Envelhecimento*. São Paulo: Cortez. Ano XXIV, N° 75, 74-84.
- CARDOSO, D. M. (2017). *A relação texto e imagem na criação do livro-álbum: o caso de Catarina Sobral*. Dissertação de mestrado em Estudos Literários. Universidade de Aveiro.
- 56 CARVALHO, M. J. P. (2005). *A Interação Semiótica Texto-imagem nas Obras Impressas e Ilustradas de Literatura Infantil. Ler, ver, desconfiar...* Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança. Universidade do Minho.
- COLOMER, T; KÜMMERLING-MEIBAUER, B. & SILVA-DIAZ, C. (Eds.). (2010). *New directions in picturebook research*. New York and London: Routledge.
- FERRETO, L. (2010) "Representação Social no Envelhecimento Humano". In: MALAGUTTI, W. & BERGO, A. M. A. *Abordagem Interdisciplinar do idoso*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 23 -36.
- MARQUES, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Relógio D'Água Editores.
- MERCADANTE, E. F. *et al.* (2010). Editorial. In: *Revista Serviço Social e Sociedade: Velhice e Envelhecimento*. São Paulo: Cortez, XXIV, N° 75.
- MOSCOVICI, S. (1978). *A representação social da Psicanálise*. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- RAMOS, A. M. (2010). *Literatura para a infância e ilustração. Leituras em diálogo*. Porto: Tropelias & Companhia.
- RAMOS, A. M. (2011). "Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo". In: ROIG RECHOU, B-A.; SOTO LÓPEZ, I. & NEIRA RODRÍGUEZ, M. *O álbum na literatura infantil e xuvenil (2000-2010)*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- ROSA, M. J. V. (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Relógio D'Água Editores.



O meu avô: Representações do idoso e das relações intergeracionais
nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral

SILVA, S. R. (2011). *Entre textos*: perspectivas sobre a literatura para a infância e a juventude. Porto: Tropelias & Companhia.

SILVA, S. R. (2016). *Capítulos da História da Literatura Portuguesa para a Infância*. Porto: Tropelias & Companhia.

SOBRAL, C. (2014). *O meu avô*. Lisboa: Orfeu Negro.

SOEIRO, M. de A. S. (2010). *Envelhecimento português: desafios contemporâneos – políticas e programas sociais (estudo de caso)*. (Dissertação de mestrado). Portugal: Universidade Nova de Lisboa.